

22 NOV 1989

Eleição Presid

JORNAL DO BRASIL

Entre perder e querer ganhar

Ricardo Noblat

Resta saber se o PT quer ou não ganhar a eleição no segundo turno. No primeiro, admita ou não, foi favorecido pela sorte. Ensina a experiência de eleições anteriores que o primeiro lugar na cédula de votação costuma render ao felizardo que o ocupe entre 1% a 3% a mais de votos. Concordam a respeito disso antigos funcionários da Justiça Eleitoral e políticos experientes. O grau de instrução do eleitorado explica tal coisa.



Lula foi sorteado para encabeçar a cédula oficial. e na época do sorteio, o próprio PT comemorou a vantagem obtida. Foi de menos de 1% a diferença de votos entre Lula e Leonel Brizola. A rigor, como diria o senador Mário Covas (PSDB-SP), o primeiro turno registrou um empate em número de votos dos dois candidatos. É inegável que a campanha de Lula foi mais inteligente e melhor conduzida que a de Brizola.

A votação de Lula foi mais uniforme que a do candidato do PDT. O voto em Brizola foi o voto no líder carismático, que deitou profundas raízes nos dois Estados que governou. O voto em Lula foi o voto no PT e no que ele significa como ideia de renovação da sociedade. Os adeptos de Lula podem até alegar, como alegam, que o voto no candidato deles teria sido mais consistente que o voto dado a Brizola.

E daí? Não invalida a constatação matemática de que os dois candidatos tiveram, praticamente, o mesmo número de votos. Quer goste disso ou não, o PT há de reconhecer que Brizola representava, tanto quanto Lula, uma alternativa à continuidade de "tudo que aí está" — continuismo que o eleitor quis derrotar até mesmo quando votou em Collor de Mello. Lula e o PT, portanto, vão ter que se entender com Brizola.

Se pensam, de fato, em ganhar a eleição, vão ter que ampliar seu esquema de alianças. Não basta que o candidato acene com pedidos de apoio para esse ou aquele líder político em troca de um lugar no palanque do segundo turno. O aceno, para que se

torne algo mais do que, simplesmente, um aceno demagógico, tem que ser acompanhado da vontade política de negociar programa de governo e de alargar o original.

É curto o espaço de tempo que separa o primeiro do segundo turno, e o PT imprimiu ritmo lento à tarefa de montar seu novo palanque. Ao que se assiste, pelo menos por enquanto, são manifestações de radicalismo de diversas tendências que se abrigam no PT e que desautorizam o discurso mais moderado adotado por Lula e pelos que o cercam de perto. O governador de Santa Catarina ofereceu o apoio dele ao PT.

O PT de Santa Catarina recusou o apoio sem nem considerá-lo. Do governador, se diz que reprimiu com violência algumas greves lideradas pelo PT no estado. Do governador Miguel Arraes, no início do ano, o PT do estado disse que era um velho líder "caduco, Pinochet de Pernambuco". Hoje, o PT de Lula está encantado com os serviços que Arraes lhe presta. Nomeou-o embaixador informal junto às esquerdas e aos militares.

As esquerdas, propriamente ditas, estão condenadas a apoiar Lula algumas por opção, outras para não sofrerem constrangimentos. Dos militares, espera-se que permaneçam como estão, dentro dos quartéis. O governador Moreira Franco anunciou seu apoio ao candidato que se classificasse para enfrentar Collor — fosse ele Lula ou Brizola. O PSB, aliado do PT, recusou o apoio do governador.

O próprio Lula excluiu o deputado Ulysses Guimarães da lista dos líderes políticos que imagina procurar atrás de apoio. Os acertos de Ulysses foram muito maiores, até aqui, do que os erros dele. Ulysses já expiou parte de suas culpas com a derrota que sofreu. Merecia o respeito que seu partido não lhe deu. Merece o respeito de adversários que foram aliados dele até recentemente e que lhe ficaram devendo muitos favores.

A invasão do gabinete do ministro da Fazenda por funcionários em greve foi liderada por uma facção do partido de Lula — e isso em pouco ou em nada ajuda o candidato. Lula pode até perder a eleição — o mais provável, no momento, é que perca. Não tem o direito, contudo, de preferir perder. Se preferir perder, ele e o PT serão responsabilizados, no futuro, pela vitória do que tanto diziam querer sepultar.